

GEORGIA HUNTER

SOMOS
OS QUE
TIVERAM
SORTE

Tradução de
Henrique Koifman

1ª edição

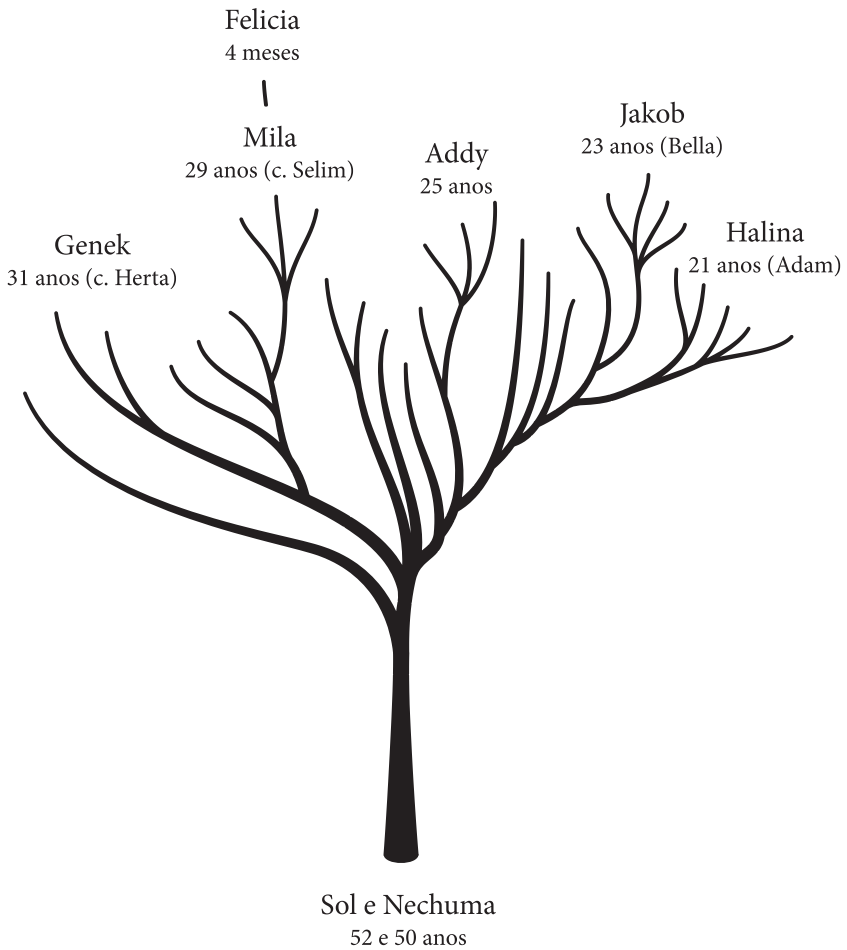


EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2018

A família Kurc

Março de 1939



Ao fim do Holocausto, 90% dos 3 milhões de judeus poloneses haviam sido aniquilados; dos mais de 30 mil judeus que viviam em Radom, menos de 300 sobreviveram.

Parte I



CAPÍTULO 1

Addy

Paris, França ~ início de março de 1939

Não estava nos seus planos passar a noite acordado. A ideia era sair do Grand Duc por volta da meia-noite e dormir por algumas horas na Gare du Nord antes de pegar o trem de volta a Toulouse. Agora — ele dá uma olhada no relógio — já são quase seis da manhã.

Montmartre tem esse efeito sobre ele. Os clubes de jazz e os cabarés, a multidão parisiense, todos jovens e insolentes, não vai deixar nada, nem mesmo a ameaça de guerra, desanimá-la — é inebriante. Ele termina o co-nhaque e se levanta, resistindo à tentação de ficar para assistir a uma última apresentação; sem dúvida poderia pegar um trem mais tarde. Porém, pensa na carta dobrada dentro do bolso do casaco e suspira. Deveria ir embora. Enquanto recolhe o casaco, o cachecol e o boné, diz *adieu* aos companheiros e serpenteia entre a dúzia, se tanto, de mesas do clube, uma parte delas ainda ocupada por clientes fumando Gitanes e se balançando ao som de “Time on My Hands”, de Billie Holiday.

Assim que a porta se fecha atrás dele, Addy respira fundo, desfrutando o ar fresco, puro e frio nos pulmões. A fina camada de gelo na rue Pigalle começa a derreter e os paralelepípedos reluzem, formando um caleidoscópio de tons de cinza sob o céu de fim de inverno. Ele percebe que vai ter de andar rápido para conseguir pegar o trem. Quando se vira para trás, vê de relance seu reflexo na janela do clube e se sente aliviado

ao perceber que o jovem que retribui o olhar para ele está apresentável, a despeito da noite em claro. Sua postura é ereta, as calças apertadas no alto da cintura, com a bainha dobrada e o vinco marcado, e seu cabelo continua perfeitamente penteado para trás, do jeito que ele gosta, sem ficar repartido. Depois de enrolar o cachecol no pescoço, segue na direção da estação.

Addy imagina as ruas do restante da cidade desertas e silenciosas. A maior parte das portas de ferro das lojas não vai ser aberta antes do meio-dia. Algumas delas, cujos proprietários fugiram para o interior do país, simplesmente não vão ser abertas — FERMÉ INDÉFINIMENT, dizem os avisos nas vitrines. Mas aqui em Montmartre, o sábado se transformou suavemente em domingo e as ruas estão cheias de vida, com artistas e dançarinas, músicos e estudantes. Eles cambaleiam entre clubes e cabarés, às gargalhadas, e vão em frente como se não tivessem nenhuma preocupação na vida. Enquanto caminha, Addy enfia o queixo dentro da gola do casaco e ergue o olhar a tempo de se desviar de uma jovem com um vestido de lamê prateado, que vinha da direção oposta.

— *Excusez-moi, monsieur.* — Ela sorri, o rosto corando sob um gorro de plumas amarelas.

Addy supõe que seja uma cantora. Uma semana atrás, provavelmente teria puxado conversa com ela.

— *Bonjour, mademoiselle* — cumprimenta ele, e segue em frente.

Uma lufada de ar com cheiro de frango frito faz o estômago de Addy roncar assim que ele dobra a esquina da rue Victor-Massé, onde uma fila já começou a se formar do lado de fora do Mitchell's, uma lanchonete vinte e quatro horas. Através da porta de vidro do estabelecimento, vê os clientes diante de canecas fumegantes de café e pratos abarrotados com um café da manhã tipicamente americano. *Em outro momento*, diz a si mesmo, e caminha para o leste, em direção à estação.

O trem mal deixou a estação quando Addy pega a carta do bolso do casaco. Desde que ela chegou, no dia anterior, ele já a leu duas vezes e pensou nela outras tantas. Passa os dedos sobre o endereço do remetente: *rua Warszawska, 14, Radom, Polônia.*

Ele consegue visualizar a mãe perfeitamente, sentada à escrivaninha de madeira escura, a caneta na mão, a luz do sol iluminando a curva rechonchuda e macia de seu maxilar. Sente mais falta dela do que jamais imaginou que sentiria quando deixou a Polônia, seis anos atrás, para vir à França. Tinha 19 anos na época e havia pensado muito em ficar em Radom, onde estaria perto da família e esperava poder construir uma carreira na música — ele compunha desde a adolescência e não conseguia pensar em nada mais gratificante do que passar os dias em frente às teclas de um piano, compondo canções. Foi sua mãe quem o aconselhou a se candidatar ao prestigiado Institut Polytechnique de Grenoble — e, depois que ele foi aceito, insistiu para que fosse estudar lá.

— Addy, você já nasceu engenheiro — disse ela, lembrando-o de quando, com apenas 7 anos, ele havia desmontado o rádio quebrado da família, espalhado as peças sobre a mesa de jantar e, em seguida, remontado tudo, deixando-o como novo. — Não é lá muito fácil ganhar a vida com música — continuou ela. — Eu sei que essa é a sua paixão, você tem um dom e não deve ignorá-lo. Mas antes, Addy, o seu diploma.

Addy sabia que sua mãe tinha razão. E, por isso, partiu para a universidade, prometendo que voltaria quando se formasse. No entanto, assim que deixou para trás os limites da provinciana Radom, toda uma nova vida se abriu para ele. Quatro anos depois, com o diploma em mãos, recebeu uma oferta de emprego em Toulouse, com um bom salário. Tinha amigos do mundo inteiro — de Paris, Budapeste, Londres, Nova Orleans. Havia adquirido um novo gosto para arte e cultura, para *paté de foie gras* e para a perfeição amanteigada de um croissant recém-saído do forno. Tinha o próprio apartamento (embora fosse minúsculo) no coração de Toulouse e o luxo de poder voltar para a Polônia sempre que quisesse — o que fazia ao menos duas vezes por ano, para o Pessach e para o Rosh Hashaná. E também de passar os fins de semana em Montmartre, um bairro tão impregnado de talento musical que não era incomum para seus moradores beber no Hot Club com Cole Porter, assistir a uma *jam session* com Django Reinhardt no Bricktop's ou, como Addy, assistir maravilhado a Josephine Baker desfilarem pelo palco do Zelli's puxando sua chita de estimação por uma coleira cravejada de diamantes. Addy não conseguia se lembrar de outra época na vida em que tivesse se sentido tão inspirado a colocar notas no papel — tanto

que ele começou a imaginar como seria se mudar para os Estados Unidos, o lar dos maioraís, o berço do jazz. Talvez nos Estados Unidos, sonhava ele, pudesse tentar a sorte e colocar suas próprias composições no rol dos sucessos contemporâneos. Era tentador, se isso não significasse se afastar ainda mais da família.

Assim que tirou a carta da mãe do envelope, Addy sentiu um leve arrepio na espinha.

Querido Addy,

Obrigada pela sua carta. Seu pai e eu adoramos a sua descrição da ópera no Palais Garnier. Nós estamos bem por aqui, embora Genek ainda esteja furioso por ter sido rebaixado no trabalho. Não posso culpá-lo. Halina é a mesma de sempre, tão esquentada, que muitas vezes eu me pergunto se ela não vai explodir. Estamos esperando que Jakob e Bella anunciem o noivado, mas você sabe que não se pode apressar o seu irmão. Tenho adorado as tardes que passo com a pequena Felícia. Mal posso esperar para que você a conheça, Addy. O cabelo dela começou a crescer — ele é vermelho-canela! Qualquer dia desses ela vai passar a dormir a noite inteira. A pobre Mila está exausta. Eu falo para ela o tempo todo que, com o tempo, vai ficar mais fácil.

Addy vira a página da carta e se ajeita no assento. É neste ponto que o tom de sua mãe se torna mais sombrio.

Querido, devo lhe contar que, no último mês, algumas coisas mudaram por aqui. Rotsztajn fechou as portas de sua metalúrgica. É difícil de acreditar, depois de quase cinquenta anos no negócio. Kosman também se mudou. Levou a família e o comércio de relógios para a Palestina, depois de ter a loja depredada várias vezes. Addy, não estou contando essas coisas para que fique preocupado, eu só não me sentiria bem escondendo isso de você. E isso me leva ao principal motivo desta carta: seu pai e eu achamos que você deve ficar na França durante o Pessach e esperar até o verão para vir nos visitar. Nós sentimos muito a sua falta, mas parece perigoso demais

viajar agora, especialmente cruzando as fronteiras da Alemanha. Por favor, Addy, pense nisso. Nossa casa é o seu lar, e nós estaremos aqui. Enquanto isso, mande notícias quando puder. Como está a nova música que você está compondo?

Com amor, sua mãe

Addy suspira e tenta mais uma vez entender o que tudo aquilo significa. Ele ouviu falar das lojas que estão sendo fechadas, das famílias judias que estão indo para a Palestina. As notícias de sua mãe não são uma surpresa. É o tom das palavras que o perturba. Ela já havia mencionado como as coisas tinham começado a mudar a sua volta — havia ficado furiosa quando Genek teve o registro de advogado cassado —, mas, geralmente, as cartas de Nechuma eram alegres e otimistas. No mês passado, ela havia perguntado se ele poderia acompanhá-la a um concerto de Moniusko no Grande Teatro de Varsóvia e lhe falara do jantar agradável em comemoração do aniversário de Sol no restaurante de Wierzbicki em que o próprio Wierzbicki tinha ido recebê-los na porta e se oferecera para preparar um prato especial para eles, fora do cardápio.

Esta carta é diferente. Addy percebe que sua mãe está com medo.

Addy balança a cabeça. Em seus 25 anos de vida, jamais notou Nechuma demonstrar qualquer tipo de medo. Além disso, nem ele nem nenhum dos irmãos e irmãs jamais perdeu um Pessach com todos em Radom. Nada é mais importante para sua mãe que a família — e agora ela está pedindo a ele que fique em Toulouse durante o feriado. A princípio, Addy tinha se convencido de que ela só estava muito ansiosa. Mas será que estava mesmo?

Ele olha pela janela e vê o campo francês, uma paisagem que lhe é familiar. Dá para ver o sol por trás das nuvens e já existem sinais das cores da primavera nos campos. O mundo parece bom, como sempre pareceu. E, ainda assim, as palavras de advertência da mãe mexeram com ele, fizeram com que perdesse o equilíbrio.

Addy fecha os olhos e pensa na última vez que visitou os pais, em setembro, procurando algum sinal, alguma pista que possa ter deixado passar. Ele lembra que seu pai tinha ido jogar cartas com seus amigos do comércio — judeus e poloneses —, como fazia toda semana, na farmácia

de Podworski, que tinha um afresco de uma águia branca no teto. O padre Król, pároco da Igreja de São Bernardino e admirador do virtuosismo de Mila ao piano, tinha passado para ouvir um recital. Para o Rosh Hashaná, a cozinheira havia preparado uma chalá glaceada com mel, e Addy tinha ficado acordado até tarde da noite, ouvindo Benny Goodman, bebendo Côte de Nuits e rindo com os irmãos. Até mesmo Jakob, reservado como era, deixara a câmara de lado e se juntara a eles na confraternização. Tudo parecia relativamente normal.

Então um pensamento faz com que Addy sinta um nó na garganta: e se os sinais estivessem lá, mas ele não estivesse prestando atenção suficiente para percebê-los? Ou, pior, e se ele não tivesse se dado conta das pistas simplesmente porque não queria vê-las?

Sua mente o leva para a suástica recém-pintada que ele encontrou num muro do Jardin Goudouli, em Toulouse. Em seguida, para o dia em que tinha escutado seus chefes na empresa de engenharia, acreditando que ele não estivesse por perto para ouvi-los, questionarem aos sussurros se seria ou não arriscado mantê-lo ali. Para as lojas fechadas por Paris inteira. Para as fotos nos jornais franceses mostrando o dia seguinte da Kristallnacht: fachadas de lojas destruídas, sinagogas completamente queimadas, milhares de judeus fugindo da Alemanha, empurrando carrinhos de mão pelas estradas com abajures, batatas e os parentes mais velhos dentro deles.

Os sinais com certeza estavam lá. Entretanto, Addy os subestimara, afastara todos para bem longe. Ele disse a si mesmo que não havia mal numa pequena pichação; que, se perdesse o emprego, conseguiria outro; que o que estava acontecendo na Alemanha, embora fosse assustador, era algo além da fronteira e que não iria se alastrar. Porém, agora, com a carta da mãe em mãos, ele vê com uma clareza assustadora os avisos que havia optado por ignorar.

Addy abre os olhos de repente, perturbado por uma única conclusão: *Você devia ter voltado para casa meses atrás.*

Ele dobra a carta, recoloca-a dentro do envelope e a desliza de volta para o bolso do casaco. Resolve que vai escrever para a mãe assim que chegar ao seu apartamento, em Toulouse. Vai dizer a ela que não se preocupe, que vai voltar a Radom como planejado, que ele quer estar com a família, agora

mais que nunca. Vai dizer à mãe que a nova composição está indo bem e que não vê a hora de tocá-la para ela. Addy se imagina tocando as teclas do piano Steinway dos pais com a família reunida em volta e esse pensamento lhe traz um pouco de conforto.

Addy deixa o olhar vagar sobre a paisagem sossegada do interior. Amanhã, decide, vai comprar uma passagem de trem, reunir os documentos para a viagem e arrumar as malas. Não vai esperar pelo Pessach. Seu chefe vai ficar irritado por ele sair mais cedo que o previsto, mas Addy não se incomoda com isso. O importante é que em poucos dias estará a caminho de casa.

15 DE MARÇO DE 1939: *Um ano depois de anexar a Áustria, a Alemanha invade a Tchecoslováquia, encontrando pouca resistência. No dia seguinte, de Praga, Hitler instala o Protetorado da Boêmia e Morávia. Com essa ocupação, o Reich ganha não somente território mas também mão de obra especializada e enorme poder de fogo, com a capacidade de produção que a indústria de fabricação de armas daquela região oferece — suficiente, na época, para armar quase metade da Wehrmacht.*

CAPÍTULO 2

Genek

Radom, Polônia ~ 18 de março de 1939

Genek levanta a cabeça e um fio de fumaça sai do canto dos seus lábios e segue até o teto de ladrilhos cinza do bar.

— Essa é a última mão — avisa.

Do outro lado da mesa, Rafal chama a atenção dele.

— Tão cedo? — E dá uma tragada no cigarro. — A sua mulher prometeu alguma coisa especial se você voltar para casa num horário decente? — Rafal dá uma piscadela, soltando a fumaça. Herta havia comparecido ao jantar, mas tinha ido embora cedo.

Genek ri. Ele e Rafal são amigos desde a escola primária, quando passavam boa parte do tempo debruçados sobre as bandejas do refeitório, discutindo sobre qual colega de turma iriam convidar para o baile *studniówka* no fim do ano, ou quem prefeririam ver nua, Evelyn Brent ou Renée Adorée. Rafal sabe que Herta não é como as garotas com quem Genek costumava sair, mas gosta de pegar no pé dele quando ela não está por perto. Genek não pode culpá-lo. Até conhecer Herta, as mulheres eram seu ponto fraco (junto com cartas e cigarros, para ser sincero). Com seus olhos azuis, uma covinha em cada bochecha e um charme hollywoodiano irresistível, ele passou a maior parte dos seus 20 anos deleitando-se com o papel de um dos solteiros mais cobiçados de Radom. Na época, ele não se importava com a atenção que recebia. Entretanto, Herta apareceu e tudo mudou. Agora é diferente. *Ela é diferente.*

Por baixo da mesa, alguma coisa alisa a batata da perna de Genek. Ele dá uma espiada na moça que está sentada ao seu lado.

— Eu gostaria que você ficasse — diz ela, encarando os olhos dele.

Genek tinha acabado de conhecer a garota naquela noite — Klara. Não, Kara. Ele não consegue se lembrar. É uma amiga da esposa de Rafal que veio de Lublin para visitá-los. Ela dá um sorrisinho tímido com o canto da boca, a ponta do oxford ainda encostada na perna dele.

Em sua vida anterior, talvez ele tivesse ficado. Porém, Genek não tem mais o menor interesse em flertar. Ele sorri para a garota, sentindo um pouco de pena dela.

— Na verdade, eu acho que estou saindo — avisa ele, baixando as cartas na mesa.

Genek apaga o Murad, a guimba parecendo um dente torto no cinzeiro lotado, e se levanta.

— Senhores, senhoras, é sempre um prazer. Vejo vocês depois. Ivona — acrescenta ele, dirigindo-se à esposa de Rafal, enquanto acena com a cabeça para o amigo —, é responsabilidade sua manter aquele ali longe de confusão.

Ivona ri. Rafal dá mais uma piscadela para ele. Genek os saúda levando dois dedos à testa e segue para a porta.

Está mais frio que o normal para uma noite de março. Ele enfia as mãos nos bolsos do casaco e segue a passos acelerados para a rua Zielona, apreciando o fato de estar a caminho de casa para a mulher que ama. De algum modo, soube que Herta era a sua garota assim que colocou os olhos nela, há dois anos. Aquele fim de semana ainda está perfeitamente nítido em sua memória. Eles estavam esquiando em Zakopane, um resort polonês encravado entre os picos das montanhas Tatra. Ele estava com 29 anos, Herta com 25. Por acaso, dividiram o assento num teleférico e, na viagem de dez minutos até o cume, Genek tinha se apaixonado por ela. Para começar, pelos seus lábios, porque eram carnudos e em forma de coração. E também por tudo o que podia ver dela entre a lã cor creme bem clara de seu chapéu e o cachecol. Mas havia também o sotaque alemão, que o obrigou a prestar atenção ao que ela dizia de um modo que não estava acostumado a fazer; e aquele sorriso, tão desinibido; e o modo como, na metade do caminho até o topo da montanha, ela levantou a cabeça, fechou os olhos e disse:

— O cheiro dos pinheiros no inverno é maravilhoso, não acha?

Ele riu ao pensar por um momento que ela estava brincando, então percebeu que era sério. A sinceridade de Herta era uma característica que iria admirar cada vez mais, assim como o quanto ela gostava de estar ao ar livre e a tendência natural que tinha de ver beleza nas coisas mais simples. Ele a seguiu montanha abaixo, tentando não pensar muito no fato de que Herta era uma esquiadora muito melhor do que ele jamais seria e, então, parou perto dela no trecho de acesso à pista e a convidou para jantar. Como Herta hesitou, ele sorriu e disse que já havia reservado um trenó puxado por cavalos. Ela riu e, para a alegria de Genek, concordou em sair com ele. Seis meses depois, pediu-a em casamento.

No apartamento, Genek fica feliz ao ver a luz acesa por baixo da porta do quarto. Encontra Herta na cama, com uma coletânea dos melhores poemas de Rilke aberta, apoiada nos joelhos. Ela nasceu em Bielsko, uma cidade no leste da Polônia cujo principal idioma é o alemão. Ao falar, Herta raramente usa a língua com a qual cresceu acostumada, mas gosta de ler no idioma nativo, especialmente poesia. Ela não parece perceber que Genek entra no quarto.

— Esse verso deve ser bem envolvente — provoca Genek.

— Ah! — exclama Herta, levantando os olhos para ele. — Eu não ouvi você entrar.

— Fiquei com medo de que você estivesse dormindo — explica Genek, sorridente.

Ele deixa o casaco escorregar do corpo e o joga sobre o encosto de uma cadeira, então sopra as mãos para aquecê-las.

Herta sorri e segura o livro junto ao peito, marcando a página com um dedo.

— Você chegou muito mais cedo do que eu achei que chegaria. Perdeu todo o nosso dinheiro na mesa? Eles te expulsaram?

Genek tira os sapatos e o blazer, em seguida desabotoa os punhos da camisa.

— Eu vim antes, sim. Foi uma boa noite. Só foi chato ficar sem você.

Entre os lençóis brancos, em sua camisola amarelo-clara, com seus olhos profundos e lábios perfeitos, os cabelos castanhos se derramando como

ondas nos ombros, Herta parece algo saído de um sonho e, mais uma vez, Genek se dá conta da imensa sorte que foi encontrá-la. Ele fica apenas com as roupas de baixo e se esgueira para a cama, ao lado dela.

— Eu senti a sua falta — declara, apoiando-se num cotovelo para lhe dar um beijo.

Herta passa a língua nos lábios.

— A última coisa que você bebeu, deixa eu adivinhar... Bichat.

Genek faz que sim com a cabeça e ri. Ele a beija mais uma vez, suas línguas se encontram.

— Amor, nós temos que tomar cuidado — sussurra Herta, e se afasta.

— Mas nós não somos sempre cuidadosos?

— É só que... aquela vez.

— Ah — diz Genek, saboreando o calor dela e o cheiro adocicado deixado pelo xampu em seus cabelos.

— Seria tolice deixar que isso acontecesse agora — completa Herta.
— Você não acha?

Horas antes, durante o jantar, eles haviam conversado com os amigos sobre a ameaça de guerra, sobre como a Áustria e a Tchecoslováquia caíram com tanta facilidade nas mãos do Reich, e sobre como as coisas tinham começado a mudar em Radom. Genek desabafara sobre seu rebaixamento para assistente no escritório de advocacia e tinha ameaçado se mudar para a França.

— Pelo menos lá — vociferou — eu poderia usar o meu diploma.

— Não tenho tanta certeza de que você estaria melhor na França — retrucou Ivona. — Os alvos do Führer não são mais apenas os territórios onde se fala alemão. E se isso for só o começo? E se a Polônia for a próxima?

Por um momento, todos na mesa ficaram em silêncio, até que Rafal o quebrou.

— Impossível — afirmou, acenando negativamente com a cabeça. — Ele pode até tentar, mas vai ser impedido.

Genek concordou.

— O Exército polonês jamais devia ter deixado isso acontecer.

Genek se lembra agora de que foi durante essa conversa que Herta pediu licença e foi embora.

Herta tem razão, é claro. Eles precisam tomar cuidado. Trazer uma criança para um mundo que parece estar se aproximando assustadoramente do colapso seria imprudente e irresponsável. Porém, deitado tão perto dela, Genek não consegue pensar em mais nada além de sua pele, da curva de sua coxa encostada na dele. As palavras de Herta, assim como as minúsculas bolhas da última taça de champanhe que ele bebeu, flutuam de sua boca e se dissolvem em algum ponto no fundo da garganta dele.

Genek lhe dá um terceiro beijo, e, ao fazê-lo, Herta fecha os olhos. *Ela não disse isso de coração*, pensa. Ele se estica por cima dela para apagar a luz e sente o corpo de Herta amolecer debaixo do seu. O quarto fica escuro, e ele enfia a mão por baixo da camisola dela.

— Frio! — guincha ela.

— Me desculpa.

— Não, não é você. Genek...

Ele dá um beijo em sua bochecha, no lóbulo de sua orelha.

— A guerra, a guerra, a guerra. Eu já estou de saco cheio disso e ela ainda nem começou — comenta, e faz os dedos marcharem das costelas até a cintura dela.

Herta suspira, depois ri.

— Pensa só — diz Genek, arregalando os olhos como se tivesse acabado de ter uma revelação. — E se *não* tiver guerra? — Ele balança a cabeça, incrédulo. — A gente está se privando *por nada*. E Hitler, aquele sacaninha, vai ter vencido. — Genek abre um sorriso.

Herta passa um dedo sobre a covinha de sua bochecha.

— Essas covinhas acabam comigo — diz ela, balançando a cabeça. O sorriso de Genek se abre ainda mais e Herta faz que sim com a cabeça. — Você tem razão, seria trágico. — Seu livro cai no chão com um baque e ela se vira para encará-lo. — *Bumsen der krieg*.

Genek não consegue conter a risada.

— Estou de acordo. *Foda-se a guerra* — diz, então puxa o cobertor para cima de suas cabeças.

CAPÍTULO 3

Nechuma

Radom, Polônia ~ 4 de abril de 1939 — Pessach

Nechuma arrumou a mesa com a melhor porcelana e os melhores talheres, delimitando com eles os lugares sobre a toalha de renda branca. Sol se senta à cabeceira, segurando sua Hagadá com uma capa de couro surrada numa das mãos e um cálice de kidush de prata polida na outra. Ele pigarreja.

— Hoje — começa, encarando os rostos familiares ao redor da mesa — honramos o que é mais importante: nossa família e nossas tradições.

Seus olhos, normalmente flanqueados por marcas de expressão de risadas, estão sérios, sua voz tem um tom de barítono sóbrio.

— Hoje — continua — nós celebramos a festa das matzot, o tempo de nossa libertação. — Ele volta os olhos para o texto abaixo. — Amém.

— Amém — respondem os outros, bebendo vinho. Uma garrafa passa de mão em mão e as taças voltam a ser enchidas.

Quando Nechuma se levanta para acender as velas, a sala está em silêncio. Ela se dirige ao centro da mesa, acende um fósforo e protege a chama com a mão em concha, enquanto leva o fogo rapidamente a cada pavio, esperando que ninguém perceba a chama tremulando entre seus dedos. Depois que as velas são acesas, desenha três círculos sobre elas com uma das mãos, então cobre os olhos e recita a bênção inicial. Em seguida, retorna ao seu lugar na mesa, no extremo oposto ao do marido, e repousa as mãos no colo. Seus olhos se encontram com os de Sol. Ela acena para que ele comece.

Assim que a voz de Sol preenche a sala novamente, o olhar de Nechuma desliza até a cadeira que deixou vazia para Addy, e ela sente um peso aumentar no peito, trazendo com ele uma dor familiar. A ausência do filho a consome.

A carta de Addy chegara na semana anterior. Nela, ele havia agradecido a Nechuma a franqueza e pedira a ela que, por favor, não se preocupasse. Disse que voltaria para casa assim que conseguisse obter os documentos para viajar. Essa notícia trouxera para Nechuma ao mesmo tempo alívio e preocupação. Não havia nada que desejasse mais que ter o filho em casa para o Pessach, a não ser, é claro, saber que ele estava em segurança na França. Tentara ser honesta, esperava que ele fosse entender que Radom era, nesse momento, um lugar sombrio, que viajar por regiões ocupadas pelos alemães não valia o risco. Entretanto, talvez tivesse omitido informações demais. Afinal, não era apenas a família Kosman que tinha fugido. Foram umas seis. Ela não havia falado dos clientes poloneses que a loja perdera recentemente, ou da briga feia que acontecera uma semana atrás, entre os jogadores de dois times de futebol de Radom, um polonês e o outro judeu, e como os jovens das duas equipes ainda andavam por aí com os lábios cortados e olhos roxos, encarando-se de forma acintosa. Não havia mencionado nada disso para poupá-lo da dor e da preocupação, mas, talvez, ao fazer isso, tenha exposto o filho a um perigo maior.

Nechuma respondeu à carta de Addy, implorando a ele que viajasse em segurança, e então presumiu que o filho estivesse a caminho. Todo dia, desde então, ela se sobressalta ao ouvir o som de passos no vestíbulo, o coração batendo forte no peito ao pensar em encontrar Addy à porta, um sorriso aberto em seu belo rosto, a valise na mão. Porém, os passos nunca são dele. Addy não tinha vindo.

— Talvez ele tenha precisado terminar algumas coisas no trabalho — sugeriu Jakob no início da semana, sentindo sua preocupação crescente. — Duvido que o chefe de Addy fosse liberá-lo sem um aviso com pelo menos umas duas semanas de antecedência.

Entretanto, Nechuma só pensa em: *E se ele foi detido na fronteira? Ou pior?* Para chegar a Radom, Addy teria que viajar pelo norte, atravessando a Alemanha, ou pelo sul, atravessando a Áustria e a Tchecoslováquia, regiões dominadas pelos nazistas. A possibilidade de seu filho estar nas mãos dos

alemães — um destino que poderia ter sido evitado caso tivesse sido mais franca com Addy, caso tivesse sido mais insistente em pedir a ele que permanecesse na França — fez com que ela passasse noites em claro na cama.

Enquanto lágrimas surgem em seus olhos, os pensamentos de Nechuma voltam no tempo para outro dia de abril, durante a Grande Guerra, um quarto de século atrás, quando ela e Sol tiveram de passar o Pessach amontoados no porão do edifício. Eles tinham sido despejados do apartamento e, como muitos dos seus amigos na época, não tinham para onde ir. Ela se lembra do fedor sufocante de dejetos humanos, dos gemidos constantes das pessoas com estômagos vazios, do estrondo distante dos canhões, do arranhar ritmado da lâmina da faca de Sol na madeira, esculpindo estatuetas em um pedaço de lenha velha para as crianças brincarem e arrancando farpas dos dedos. O feriado havia chegado e passado sem que ninguém percebesse, e a tradição do Seder não importara. De algum modo, eles viveram três anos naquele porão, as crianças sobrevivendo graças ao leite do seu peito, enquanto os oficiais húngaros estavam acampados em seu apartamento lá em cima.

Nechuma olha para Sol do outro lado da mesa. Aqueles três anos, embora quase tivessem acabado com ela, ficaram tão para trás que parecia que aquilo tudo havia acontecido com outra pessoa. Seu marido nunca fala daquela época; seus filhos, felizmente, não se lembram com clareza da experiência. Desde então sempre houve pogroms — e sempre haverá —, mas Nechuma se recusa a pensar em voltar a viver na clandestinidade, uma vida sem luz do sol, sem chuva, sem música, arte, discussões filosóficas, coisas simples e preciosas que aprendeu a valorizar. Não, ela não vai voltar para o subsolo como um animal selvagem; ela nunca mais vai viver daquele jeito.

Não é possível que as coisas fossem chegar mais uma vez àquele ponto.

Sua mente viaja mais uma vez, agora para sua infância, para o som da voz de sua mãe lhe contando como era comum, quando ela era criança em Radom, que os garotos poloneses usassem lenços para atirar pedras em sua cabeça no parque; como protestos violentos estouraram por toda parte quando a sinagoga do centro da cidade foi construída. A mãe de Nechuma tinha, então, dado de ombros.

— Nós acabamos aprendendo a manter a cabeça baixa e os filhos por perto — disse.

E, com certeza, os ataques, os pogroms passaram e a vida voltou a ser como era antes. Como sempre acontece.

Nechuma sabe que a ameaça alemã, como todas as ameaças que vieram antes dela, vai passar também. E, de qualquer modo, a situação deles agora é bem diferente da que tinham durante a Grande Guerra. Ela e Sol haviam trabalhado duro para ganhar a vida, para se estabelecerem entre os profissionais mais prestigiados da cidade. Eles falam polonês, até dentro de casa, enquanto muitos dos judeus da cidade conversam apenas em iídiche. E, em vez de viverem no Bairro Antigo, como a maioria dos judeus menos abastados de Radom, eles têm um imponente apartamento no centro da cidade, com cozinheira e empregada, completo e com luxos como encanamento interno, uma banheira que importaram de Berlim, uma geladeira e — seu bem mais valioso — um piano Steinway de um quarto de cauda. A loja de tecidos deles está prosperando. Nechuma é muito criteriosa em suas viagens de negócios e só adquire tecidos da mais alta qualidade. Seus clientes, tanto poloneses quanto judeus, vêm de longe, até de Cracóvia, para comprar com eles roupas femininas e seda. Quando seus filhos estavam em idade escolar, Sol e Nechuma os enviaram para instituições particulares de elite, nas quais, graças a suas camisas de boa alfaiataria e ao polonês perfeito, se misturaram perfeitamente à maioria dos alunos, que era católica. Além de lhes proporcionar a melhor educação possível, Sol e Nechuma esperavam dar aos filhos uma chance de evitarem o antissemitismo que marcava a vida judaica em Radom desde antes que qualquer um pudesse se lembrar. Embora a família tivesse orgulho de suas raízes e das tradições judaicas e fizesse parte da comunidade judaica local, Nechuma escolheu para os filhos um caminho que, esperava, iria lhes abrir oportunidades — e afastá-los da perseguição. Um caminho no qual ela permanece mesmo que, de vez em quando, na sinagoga ou ao fazer compras numa das padarias do Bairro Antigo, perceba os olhares de desaprovação dos judeus mais ortodoxos, como se sua escolha por se misturar com os poloneses, de alguma forma, tenha diminuído sua fé como judia. Nessas ocasiões, ela se recusa a se sentir incomodada. Ela conhece sua fé — e, além disso, para Nechuma, religião é um assunto pessoal.

Massageando a escápula, ela sente o peso do peito nas costelas. Não é do seu feitio ficar assim, tão dominada pela preocupação, tão distraída.

Recomponha-se, repreende-se Nechuma. A família vai ficar bem, diz a si mesma. Eles têm recursos financeiros. Eles têm conexões. Addy vai acabar aparecendo. O correio não tem andado confiável e é bem provável que uma carta dele, explicando o motivo de sua ausência, chegue a qualquer momento. Vai ficar tudo bem.

Enquanto Sol recita a bênção de kárpas, Nechuma mergulha um ramo de salsa numa tigela com água salgada e seus dedos roçam nos de Jakob. Ela suspira e sente a tensão começar a diminuir. O querido Jakob. Ele olha nos olhos dela e sorri, e o coração de Nechuma se enche de gratidão pelo filho ainda morar com ela. Nechuma adora sua companhia, sua calma. Ele é diferente dos outros. Ao contrário dos irmãos, que chegaram ao mundo reclamando aos berros e de cara vermelha, Jakob chegou tão branco quanto os lençóis da cama do hospital e em silêncio; como se imitasse os enormes flocos de neve que caíam tranquilamente do lado de fora da janela naquela manhã de inverno em fevereiro, há vinte e três anos. Nechuma jamais se esqueceria dos momentos de angústia antes de ele enfim chorar. Na hora, ela tinha certeza de que Jakob não iria sobreviver um dia sequer. Ou de quando ela o segurou nos braços, olhou em seus olhos escuros e ele a encarou, com uma ruga na testa, como se estivesse pensando profundamente. Foi então que entendeu quem ele era. Quietos, sim, mas astutos. Como os irmãos e as irmãs que nasceram antes e depois dele, ali estava uma pequena versão da pessoa que iria ser quando crescesse.

Ela observa quando Jakob se inclina para sussurrar algo no ouvido de Bella, que leva o guardanapo aos lábios e disfarça um sorriso. Na gola de sua blusa, um pequeno broche de ouro em formato de rosa, com uma pérola cor de marfim no centro, reflete a luz das velas. Foi um presente de Jakob. Ele lhe deu poucos meses depois que os dois se conheceram, no *gymnasium*. Na época, ele tinha 15 anos, e ela, 14. Tudo o que Nechuma sabia a respeito de Bella então era que a menina levava os estudos a sério, que vinha de uma família de recursos modestos (de acordo com Jakob, o pai dela, um dentista, ainda estava pagando os empréstimos que havia feito para custear a educação das filhas) e que ela havia costurado muitas das próprias roupas, uma revelação que deixou Nechuma impressionada e imaginando quais das elegantes blusas de Bella teriam sido compradas em lojas e quais seriam as feitas à mão. Logo depois de lhe dar o broche, Jakob declarou que Bella era sua alma gêmea.

— Jakob, meu amor, você só tem *15 anos...* e acabou de conhecer a menina! — exclamou Nechuma na época.

No entanto, Jakob não era de exagerar, e ali estavam os dois, oito anos depois, inseparáveis. Ela percebia que era só uma questão de tempo até eles se casarem. Talvez Jakob faça o pedido quando o temor sobre a guerra diminuir. Ou talvez ele esteja esperando até ter economizado dinheiro suficiente para poder arcar com os custos da própria casa. Bella também vive com os pais, a poucos quarteirões a oeste dali, no bulevar Witolda. Seja qual for o caso, Nechuma está certa de que Jakob tem um plano.

Na cabeceira da mesa, Sol parte cuidadosamente um pedaço de matzá em dois. Ele coloca metade num prato e envolve a outra com um guardanapo. Quando as crianças eram mais novas, Sol passava semanas planejando o esconderijo perfeito para a matzá. Quando chegava o momento da cerimônia em que tinham que encontrar o *afikoman* escondido, as crianças corriam como ratinhos pelo apartamento, procurando. E, quem tivesse a sorte de encontrá-lo, iria sorridente negociar sua troca por moedas suficientes para comprar um saco de caramelos na loja de doces de Pomianowski. Sol era um empresário e jogava duro — era conhecido como o Rei dos Negociantes —, entretanto, seus filhos sabiam muito bem que, no fundo, ele era tão durão quanto manteiga e que, com paciência e encanto, poderiam arrancar cada zloty do seu bolso. Na verdade, ele já não esconde o matzá há anos, é claro. Quando chegaram à adolescência, os filhos finalmente boicotaram o ritual — “A gente está um pouco velho demais para isso, não acha, pai?”, disseram —, mas Nechuma sabe que, assim que sua neta Felicia tiver aprendido a andar, ele vai retomar a tradição.

É a vez de Adam ler em voz alta. Ele pega sua Hagadá e a coloca diante de seus óculos de aro grosso. Com o nariz fino, as maçãs do rosto proeminentes e a pele perfeita acentuados pela luz das velas, ele parece quase um príncipe. Adam Eichenwald tinha chegado à casa da família Kurc alguns meses antes, depois de Nechuma ter colocado um anúncio de ALUGA-SE QUARTO na vitrine da loja de tecidos. O tio dela havia falecido recentemente, deixando um quarto vazio em casa e, mesmo com os dois filhos mais jovens ainda morando lá, ela começou a sentir um vazio. Nechuma adorava ter a mesa de jantar cheia de gente. Quando Adam entrou na loja para perguntar sobre o anúncio, ela ficou encantada e imediatamente lhe ofereceu o quarto.

— Que rapaz bonito — elogiou Terza, irmã de Sol, depois que ele saiu.
— Ele tem 32? Parece ser uns dez anos mais novo.

— Ele é judeu e inteligente — completou Nechuma.

Quais são as chances, comentaram as mulheres sobre o rapaz — formado em arquitetura pela Universidade Nacional Politécnica de Lvov —, de ele sair do número 14 da rua Warszawska solteiro? E, como era de esperar, poucas semanas depois, Adam e Halina formavam um casal.

Halina, suspira Nechuma. Nascida com uma inexplicável cabeleira loira cor de mel e olhos verdes incandescentes, Halina é a mais nova e a menor dos seus filhos. O que falta a ela em estatura, porém, possui dez vezes mais em personalidade. Nechuma nunca viu uma criança tão obstinada, tão persuasiva ao tentar conseguir (ou evitar) qualquer coisa. Ela se lembra de quando, aos 15 anos, Halina dissuadiu o professor de matemática de puni-la por ter matado aula para assistir à matinê da estreia de *Ladrão de alcova*, e quando, aos 16, convenceu Addy, em cima da hora, a pegar com ela um trem noturno até Praga para que pudessem acordar na Cidade das Cem Torres no aniversário, uma data que os dois compartilhavam. Adam, abençoado seja, se sente claramente atraído por ela, mas, diante de Sol e Nechuma, tem se mostrado bastante respeitoso.

Quando Adam termina de ler, Sol faz uma oração sobre a matzá que restou, parte um pedaço e passa o prato adiante. Nechuma ouve o barulho suave do pão não fermentado sendo partido na mão dos convidados, um a um, ao redor da mesa.

— *Baruch a-tah A-do-nai* — canta Sol, mas logo para, interrompido por um grito agudo. Felicia.

Ruborizada, Mila pede desculpa, se levanta da cadeira e vai até o canto da sala para pegar sua bebê no berço. Movendo os pés como se sapateasse, ela sussurra no ouvido da criança para acalmá-la. Assim que Sol recomeça, Felicia se contorce nas dobras da manta e faz caretas com o rosto vermelho. Quando ela geme uma segunda vez, Mila pede desculpa, sai apressada pelo corredor e segue para o quarto de Halina. Nechuma vai atrás.

— O que houve, meu amor? — sussurra Mila, esfregando um dedo na gengiva superior de Felicia para tentar acalmá-la, como tinha visto Nechuma fazer. Felicia vira a cabeça, entorta as costas e chora ainda mais.

— Você acha que ela está com fome? — pergunta Nechuma.

— Eu a alimentei há pouco tempo. Acho que só está cansada.

— Aqui — diz Nechuma, e toma a bebê dos braços de Mila. Os olhos de Felicia estão apertados e seus punhos firmemente cerrados. Os gritos vêm em rajadas curtas e estridentes.

Mila se senta, deixando o corpo cair pesadamente na beira da cama de Halina.

— Eu sinto muito, mãe — diz, contendo-se para não gritar junto com o choro de Felicia. — Eu odeio que a gente esteja causando essa confusão. — Ela esfrega os olhos com a palma das mãos. — Eu mal consigo ouvir os meus pensamentos.

— Não é incômodo nenhum — tranquiliza Nechuma, enquanto segura Felicia perto do peito e a embala suavemente. Alguns minutos depois, os gritos diminuem, a bebê passa a apenas choramingar e logo está quieta novamente. Uma expressão tranquila no rosto. *É fascinante a alegria que se sente ao segurar um bebê nos braços*, pensa Nechuma, sentindo o aroma de amêndoas doces de Felicia.

— Eu sou uma boba por ter pensado que isso seria fácil — comenta Mila.

Quando ergue os olhos, eles estão vermelhos, e ela tem olheiras profundas, como se a falta de sono tivesse deixado um hematoma. Ela está tentando, Nechuma percebe isso. Porém, não é fácil ser mãe de primeira viagem. Essa mudança a deixou atordoada.

Nechuma balança a cabeça.

— Não seja tão exigente com você mesma, Mila. Pode até não ser como você achou que seria, mas isso é esperado. Com as crianças, nunca é como se pensa que vai ser.

Mila olha para as próprias mãos e Nechuma se lembra de como, quando era mais jovem, tudo o que sua filha mais velha queria era ser mãe; de como ela cuidava das bonecas, embalando-as nos braços, cantando para elas e até fingindo amamentá-las; de como ela tivera orgulho em cuidar dos irmãos mais novos, oferecendo-se para amarrar os sapatos deles, fazer curativos nos joelhos machucados, ler para eles antes de dormir. No entanto, agora que ela tem a própria filha, Mila parece sobrecarregada, como se fosse a primeira vez que segura um bebê nos braços.

— Eu queria saber o que estou fazendo de errado — comenta Mila.

Nechuma se senta à beira da cama, ao lado da filha.

— Você está indo bem, Mila. Eu te disse, bebês não são fáceis. Especialmente o primeiro. Eu quase perdi a cabeça quando Genek nasceu, tentando saber o que fazer. Isso leva tempo.

— Já são cinco meses.

— Espere um pouco mais.

Mila fica em silêncio por um momento.

— Obrigada — sussurra ela por fim, vendo Felicia dormir tranquilamente nos braços de Nechuma. — Eu me sinto como uma fracassada miserável.

— Você não é. Só está cansada. Por que não chama a Estia? Ela já terminou tudo na cozinha, pode ajudar enquanto a gente termina o jantar.

— É uma boa ideia — concorda Mila, aliviada.

Então deixa Felicia com Nechuma enquanto procura a empregada. Quando ela e Nechuma voltam à mesa, Mila olha para Selim.

— Está tudo bem? — pergunta ele, apenas movendo os lábios. Ela faz que sim com a cabeça.

Sol passa um pouco de raiz-forte num pedaço de matzá e os outros fazem o mesmo. Logo, ele está cantando de novo. Quando a bênção do *korekh* termina, é finalmente hora de comer. Travessas passam de mão em mão e a sala de jantar é preenchida pelo murmúrio das conversas e pelo barulho das colheres de prata arranhando a porcelana, enquanto os pratos são servidos com arenque frito, frango assado, torta de batata e charoset de maçã. Toda a família bebe vinho e conversa com tranquilidade, evitando cautelosamente falar da guerra e se questionando por onde andaria Addy.

Ao ouvir o nome de Addy, a dor se esgueira de volta ao peito de Nechuma, trazendo com ela uma orquestra de preocupações. Ele foi detido. Preso. Deportado. Ele está ferido. Com medo. Ele não tem como entrar em contato com ela. Nechuma olha mais uma vez para a cadeira reservada para o filho, vazia. *Onde está você, Addy?* Ela morde o lábio. *Não*, pensa, tentando se conter, mas é tarde demais. Ela bebeu vinho rápido demais e passou do limite. Sente um nó na garganta e a mesa se transforma numa névoa branca. Suas lágrimas estão prontas para escorrer quando sente a mão de alguém sobre as suas, debaixo da mesa: Jakob.

— Foi a raiz-forte — sussurra ela, e abana o rosto com a outra mão, piscando. — Ela sempre me pega.

Nechuma enxuga discretamente o canto dos olhos com o guardanapo. Jakob faz que sim com a cabeça e aperta sua mão.

Meses depois, em outro mundo, Nechuma vai olhar para trás, para essa noite, o último Pessach em que estavam todos reunidos, e desejar, com todas as suas forças, que pudesse revivê-la. Vai se lembrar do cheiro familiar do *gefilte fish*, do tilintar da prata na porcelana, do gosto da salsa, o salgado e o amargor na língua. Vai desejar sentir novamente a maciez da pele de bebê de Felicia e o peso da mão de Jakob na sua, embaixo da mesa; o calor aconchegante do vinho no vazio de sua barriga, implorando para acreditar que, no fim, tudo daria certo. Ela vai se lembrar da alegria de Halina ao piano depois do jantar, de como dançaram juntos, como todos disseram que sentiam falta de Addy, garantindo uns aos outros que ele logo estaria em casa. Ela vai repetir tudo isso de novo e de novo, cada belo momento daquele dia, cada sabor, como as últimas e deliciosas peras *klapsa* da estação.